

## CHAMANDO A ATENÇÃO: reflexões iniciais sobre a formação de professores de arte participantes do Residência Pedagógica

KEWIN YAMANI M.S.<sup>1</sup>; ANDREIA CRISTINA DE SOUZA LANG<sup>2</sup>; LUCIANA E. LOZADA TENÓRIO<sup>3</sup>; MARCO AURELIO DA CRUZ SOUZA<sup>4</sup>

<sup>1</sup>Universidade Federal de Pelotas – kewinyamani97@gmail.com

<sup>2</sup>Escola Dr. Mario Meneghetti – andreiaslang@gmail.com

<sup>3</sup>Universidade Federal de Pelotas – luciana.tenorio@ufpel.edu.br

<sup>4</sup>Universidade Federal de Pelotas – marcoaurelio.souzamarco@gmail.com

### 1. INTRODUÇÃO

No presente resumo expandido busca-se relatar e estimular reflexões acerca das experiências vivenciadas em sala de aula por meio do Programa Residência Pedagógica - Núcleo Arte, da Universidade Federal de Pelotas.

As experiências relatadas têm como base as observações realizadas na escola E.M.E.F. Dr. Mario Meneghetti onde o residente participa no PROGRAMA RESIDÊNCIA PEDAGÓGICA (PRP). No entanto, o licenciando tem percebido em suas reflexões que é possível estabelecer relações entre essas experiências e as suas vivências nos estágios curriculares obrigatórios no curso de música licenciatura - UFPel. Em outras palavras, as questões discutidas não se limitam apenas à escola participante do PRP, podendo ser observadas em outros contextos de educação formal.

Além disso, pretende-se suscitar reflexões acerca do sujeito que a Escola forma, bem como o papel do Professor na formação destes indivíduos numa perspectiva libertadora. Dessa forma, ao longo deste resumo expandido, destaca-se o que foi significativo enquanto vivência da sala de aula para o residente em formação, bem como as repercussões que estas podem gerar no âmbito teórico.

Convidamos você leitor a refletir junto conosco sobre a importância da postura e papel do Professor e da Escola enquanto instituição de ensino na formação de sujeitos críticos, autônomos e conscientes, o que é o objetivo final da educação básica brasileira conforme previsto na Base Nacional Comum Curricular. O residente enquanto professor em formação, acredita que essas reflexões são fundamentais para aprimorar continuamente as suas práticas pedagógicas e, conseqüentemente, contribuir para uma educação transformadora, crítica e mais humana.

### 2. METODOLOGIA

O presente relato de experiência foi construído a partir das vivências do residente na escola participante, a qual ele atua. A partir de suas reflexões e em diálogo com os professores orientadores foram sugeridas leituras e ele também buscou referencial para a construção deste relato. Por meio das lentes Kohan (2000), Freire (1996) e Foucault (1977), foi construída uma interpretação dos fenômenos observados bem como possibilidades de resolução das problemáticas encontradas no percurso realizado até o momento na escola.

### 3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Durante o período de observações das aulas na E.M.E.F. Dr. Mario Meneguetti, uma turma chamou a atenção do residente por sua agitação. A turma era de 3º ano do Ensino Fundamental. As crianças gritavam umas com as outras e houve muitas tentativas de agressão entre si, as quais foram “controladas” pelos três residentes que observavam a aula.

Na ocasião, tirando os residentes presentes, a professora da turma não teve suporte da escola na resolução imediata do problema. Diante do cenário (uma turma de 3º ano do Fundamental no limiar da plena desordem), precisou tomar uma decisão. A decisão ao alcance da Professora diante do contexto que lhe era apresentado (sem suporte de professores auxiliares, sem suporte de profissionais da psicologia atuando na escola e ela formada em Licenciatura em música preparada para lecionar este componente curricular e não para lidar com uma turma de crianças aos gritos), foi elevar a voz com a turma. Ao perceber que esta ação não gerou os resultados esperados (a turma se acalmar), se viu na situação de precisar chamar a direção na busca de acalmar os ânimos da turma para seguir seu trabalho. Assim foi feito. A direção chegou na sala de aula e chamou a atenção da turma de forma rigorosa. Por alguns momentos conseguiu-se “estabelecer a ordem” na sala de aula. Houve ameaças de levar um ou outro aluno para a direção em caso de reincidência do ocorrido. As crianças se mantiveram sentadas nos seus lugares. Bateu o sinal, fim da aula de música.

Essa situação relatada pode ser interpretada à luz das ideias de Foucault, quando nos diz que desde a sua origem, a escola tem apresentado semelhanças em suas técnicas e estruturas com as fábricas, os quartéis, os hospitais e as prisões. (Foucault, 1977). Por outro lado, embora a LEI Nº 13.935, DE 11 DE DEZEMBRO DE 2019<sup>1</sup>, determine que as escolas das redes públicas de educação básica de todo o país tenham serviço social e de psicologia em equipes multiprofissionais atuando juntamente com a equipe da educação, ainda é distante da realidade de sala de aula de muitas escolas a efetivação desta lei, a exemplo desta escola em que o RP é desenvolvido. Desta forma, a atuação docente na contemporaneidade, em período pós pandêmico, onde muitos estudantes apresentam-se com o aspecto emocional afetado, é prejudicada em função da ausência de um suporte coerente com as limitações da formação docente. O cenário previsto na lei ainda se mostra distante. As decisões educacionais realizadas por políticos tomadas em esferas “superiores” como as Federais, Estaduais e Municipais impactam diretamente a realidade da sala de aula, se manifestando em como os professores se relacionam com a escola e uns com os outros, na disponibilidade de suporte para casos como este relatado e tantos outros como em casos de alunos neuro diversos, na formação continuada dos professores da rede etc.

O meio escolar invariavelmente condiciona as nossas possibilidades de ação (atentamos para o termo “condicionar” ao invés de “determinar”). Quando o cenário se mostra apequenador das possibilidades de ação, caracterizando-o como desumanizador, Freire pode trazer-nos pistas sobre saídas, pois:

[...] é também, e talvez sobretudo, a partir desta dolorosa constatação (desumanização), que os homens se perguntam sobre a outra viabilidade – a de sua humanização. Ambas, na raiz de sua inconclusão, que os inscreve num permanente movimento de busca. Humanização e desumanização, dentro da história, num contexto real, concreto, objetivo,

---

<sup>1</sup> Dispõe sobre a prestação de serviços de psicologia e de serviço social nas redes públicas de educação básica.

são possibilidades dos homens como seres inconclusos e conscientes de sua inconclusão. Mas, se ambas são possibilidades, só a primeira nos parece ser o que chamamos de vocação dos homens. Vocação negada, mas também afirmada na própria negação. Vocação negada na injustiça, na exploração, na opressão, na violência dos opressores. Mas afirmada no anseio de liberdade, de justiça, de luta dos oprimidos, pela recuperação de sua humanidade roubada. (Freire, 1987, p. 16)

Para além de identificar quem é o culpado pelos fatos apresentados, queremos pensar mais sobre quais são as condições materiais e imateriais objetivas oferecidas aos professores que atuam na educação básica para que estes possam atuar com uma perspectiva de educação libertadora.

O projeto político pedagógico da escola fala sobre autonomia e criticidade, o que nos sinaliza a busca por uma educação libertadora, mas quando a realidade objetivamente não oferece os meios para esta concretização, os professores se veem condicionados a reprodução de perspectivas tradicionais de ensino. Diante de tantas ausências, acaba-se por ter a presença de posturas autoritárias.

Essa “reprodução condicionada” nos faz refletir acerca da constituição dos sujeitos e como a escola se relaciona com este processo. O uso de gritos e ameaças (nos casos observados em relação a trazer a direção escolar para a sala) nos parecem criar um ambiente de tensão, medo, insegurança, descredibilidade, desrespeito e receio. E talvez seja exatamente neste ambiente de tensão que os professores se sentem ao verem como única opção agir de tal forma.

[...] as crianças aprendem que o que elas ‘são’ depende em boa medida de sua aceitação e acomodação as normas, e também as condutas, ideias, crenças e valores praticados pelos outros. Em suma, as crianças internalizam uma dependência frente ao mundo exterior e aprendem a conhecer-se a si mesmas num jogo de saber-poder onde elas não podem escolher os baralhos nem a forma de jogar com eles. (KOHAN, 2000, p. 149)

Dessa forma, o residente tem pensado durante sua participação no programa, que na busca de maior consciência do papel da escola na constituição dos sujeitos, é fundamental que se considere como essas interações desenvolvem os mesmos. Ao presenciar tais dinâmicas, refletimos sobre como os indivíduos internalizam modelos de comportamento baseados em autoritarismo, e como estes modelos impactam na maneira como o sujeito se relaciona com os outros, bem como se constitui a imagem de si mesmo, se percebendo dentro do contexto escolar e social. Sobre a postura do Professor, lembramos de Freire:

É o meu bom senso que me adverte de que exercer a minha autoridade de professor na classe, tomando decisões, orientando atividades, estabelecendo tarefas, cobrando a produção individual e coletiva do grupo não é sinal de autoritarismo de minha parte. É minha autoridade cumprindo o seu dever. Não resolvemos bem, ainda, entre nós, a tensão que a contradição autoridade-liberdade nos coloca e confundimos quase sempre autoridade com autoritarismo, licença com liberdade. (FREIRE, 1996, p. 68)

Assim sendo, para a efetivação de práticas de educação libertadora, torna-se fundamental que os professores cultivem uma maior consciência de si mesmos e de sua importância para o todo, uma vez que nessa condição podem compreender como se relacionar com a contradição autoridade-liberdade afinal,

O professor que realmente ensina, quer dizer, que trabalha os conteúdos no quadro da rigorosidade do pensar certo, nega, como falsa, a fórmula

farisaica do 'faça o que mando e não o que faço'. Quem pensa certo está cansado de saber que as palavras a que falta a corporeidade do exemplo pouco ou quase nada valem. Pensar certo é fazer certo. (FREIRE, 1996, p. 68)

Nesse contexto, pensamos que os professores precisam trabalhar com a realidade que lhes é apresentada e dessa forma, a consciência de si é uma das bases para que se possa desenvolver uma abordagem pedagógica que promova a autonomia do aluno, permitindo que este se torne um sujeito ativo em seu processo de aprendizagem. Através deste autoconhecimento, talvez os professores possam identificar suas próprias crenças, preconceitos e ter maior capacidade de compreender as formas de exercer sua autoridade no ambiente escolar. Compreender como a autoridade e a liberdade podem se manifestar de maneira conjunta é crucial para que os professores não se tornem agentes opressores ou meramente controladores de comportamentos, mas sim, que sejam profissionais facilitadores do crescimento intelectual, social e emocional dos alunos. Tendo a Escola este papel fundante na formação dos sujeitos e considerando-a como um "território de constituição dos indivíduos em sujeitos" (Kohan, 2000, p. 148), ao equilibrar esses elementos aparentemente contraditórios (autoridade e liberdade), os professores podem criar um espaço de diálogo, respeito e confiança mútua, onde os alunos sintam-se encorajados a expressar suas ideias e opiniões livremente, contribuindo para uma educação verdadeiramente emancipadora.

#### 4. CONCLUSÕES

Frente esta contextualização e reflexões iniciais apresentadas, temos pensado durante o programa RP que esta caminhada em busca de si próprio por parte dos Professores é essencial para a construção de um ambiente educacional mais aberto, inclusivo e propício ao desenvolvimento integral dos estudantes, bem como enriquecedor e estimulante para o desenvolvimento pessoal dos professores. Este autoconhecimento da pessoa, que também é o professor, quando genuíno, não fecha os olhos para a realidade política que por vezes imobiliza as escolas e Professores, mas pode se tornar uma fonte propulsora de força para a luta por melhorias na Educação Brasileira.

Olhando e refletindo com sinceridade sobre suas próprias práticas e atitudes, pode-se abrir a possibilidade de cultivar relações ainda mais significativas e enriquecedoras com os alunos e toda a comunidade escolar, criando um espaço onde o respeito, a autonomia e a busca pelo conhecimento possam florescer de forma conjunta.

Finalizamos trazendo à baila o pensamento de Freire nos dizendo que: "Não há pensar certo fora de uma prática testemunhal que o re-diz em lugar de desdizê-lo. Não é possível ao professor pensar que pensa certo mas ao mesmo tempo perguntar ao aluno se 'sabe com quem está falando'". (Freire, 1996 p. 16)

#### REFERÊNCIAS

- FREIRE, P. (1987). *Pedagogia do Oprimido*. Rio de Janeiro: Paz e Terra 17ª Ed.
- FREIRE, P. (1996). *Pedagogia da Autonomia*. São Paulo: Paz e Terra.
- KOHAN, W. O. (Jul/Dez de 2000). Subjetivação, Educação e Filosofia. *PERSPECTIVA*, p. 143 - 158.